

MUSEU DE CERÂMICA POPULAR PORTUGUESA

OS CONCEITOS DE
FOLCLORE E ETNOGRAFIA
EM PORTUGAL E NO BRASIL

PELO

DR. ALFREDO JOÃO RABAÇAL

PROFESSOR REGENTE DA CADEIRA DE ANTROPOLOGIA CULTURAL DA
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE FRANCA
(CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO GOVERNO DE SÃO PAULO)

ADERNOS DE ETNOGRAFIA
ARCELOS 1968 • SEGUNDA SÉRIE

5



(469+81)

AB



FOLCLORE E ETNOGRAFIA

CHARTERED BANKS

1914

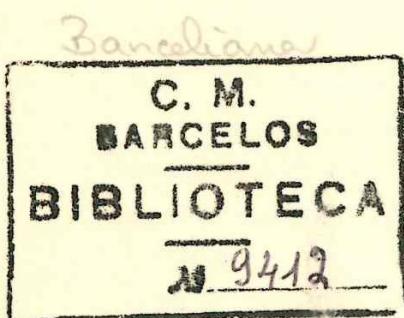
MUSEU DE CERÂMICA POPULAR PORTUGUESA

OS CONCEITOS DE
FOLCLORE E ETNOGRAFIA
EM PORTUGAL E NO BRASIL

PELO

DR. ALFREDO JOÃO RABAÇAL

PROFESSOR REGENTE DA CADEIRA DE ANTROPOLOGIA CULTURAL DA
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE FRANCA
CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO GOVERNO DE SÃO PAULO)



CADERNOS DE ETNOGRAFIA
BARCELOS 1968 • SEGUNDA SÉRIE

5

Composto e impresso nas OF. GRÁF. DA COMPANHIA EDITORA DO MINHO—Barcelos
Na composição: Fernando Lopes. Na paginação: Manuel Ferreira. Na impressão:
Júlio Alves da Silva e Manuel A. S. Fernandes. Na brochura: Gualter Monteiro.

É

nosso objectivo neste trabalho apresentar os conceitos vigorantes no Brasil e em Portugal para os campos do Folclore e da Etnografia, focalizando os balizamentos dos estudos que compreendem, delimitados pelos especialistas dos dois países que com eles se têm preocupado.

As próprias designações — Folclore e Etnografia — causam alguma confusão para os leigos no assunto e, muitas vezes, mesmo para os seus estudiosos, de Aquém ou Além-Atlântico, não familiarizados com os estudos realizados no país irmão em língua, usos e costumes, transmitidos por um, na posição de descobridor e povoador, ao outro, na situação de descoberto e povoado.

Abstraindo da colocação do Folclore e da Etnografia no quadro geral das Ciências Sociais, ou como preferem alguns, das chamadas Ciências Sócio-Psicológicas, e mesmo do enquadramento que apresentam na *Ciência Antropológica*, bàsicamente definida como o *estudo do homem e das suas obras*, de que decorre a sua divisão fundamental — *Antropologia Física* e *Antropologia Cultural*, — procuraremos nos fixar sómente na segunda categoria do conceito, *as suas obras*, no que diz respeito aos interesses aqui abordados.

Todavia, antes de passarmos à apresentação dos conceitos, um comentário colateral é necessário.

Ao citarmos a divisão da Antropologia em dois grandes ramos principais — Física e Cultural, — estamos adoptando a orientação americana para o campo das Ciências Sociais, hoje de larga aceitação na Europa, onde até recentemente era empregada a palavra Antropologia, que implicava sómente a Antropologia Física. Raro era o emprego da designação Antropologia Cultural, cujo campo recebia então, como até agora, por parte de muitos especialistas o nome de Etnologia.

Portanto, quando dizemos Antropologia Cultural, subentendemos a Etnologia, apesar que, na própria tendência americana, como também na brasileira, esse termo é reservado para qualificar os cientistas sociais que tratam das chamadas culturas primitivas, que comparticipam em territórios das nações tecnologicamente avançadas, como é o caso, por exemplo, dos grupos indígenas brasileiros, quer estejam ou não em contacto com as culturas mais avançadas.

A confusão a que nos referimos, tanto por parte de leigos quanto de estudiosos, decorre, por sua vez, das próprias acepções que, como partes integrantes da Antropologia Cultural (ou Etnologia), tomam os universos de discurso enunciados automaticamente pelos termos Folclore e Etnografia, ambos usados no Brasil e em Portugal, mas com delimitações diferentes quando analisados conjuntamente.

São essas delimitações, estabelecidas nos conceitos vigorantes nos dois países, e que apresentam para cada um características próprias, que passamos a apresentar, de maneira independente.

Como não pretendemos fazer história, o que obrigaría a partir da primeira década do século XIX, com o aparecimento, em 1807, da palavra Etnografia, proposta por Campe com o sentido de «descrição dos povos», e a que se seguiram os termos Etnologia, aparecido em 1839, com a fundação da Sociedade de Etnologia de Paris, formada com o objectivo de congregar os estudiosos dos diversos factores físicos, intelectuais e morais, as línguas e as tradições históricas, que distinguem as diferentes raças, e Folclore, proposto por William John Thoms, em 1846, para agrupar os estudos das «antiguidades populares» ou «literatura popular», daremos ênfase às tendências actuais, começando por tratar das que vigoram no

BRASIL

Data de 1951, quando da realização do I Congresso Brasileiro de Folclore, reunido na cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, hoje capital do Estado da Guanabara, a orientação básica que vem sendo imprimida aos estudos realizados no país.

Nessa ocasião, procurando sistematizar os trabalhos que já vinham sendo desenvolvidos, os congressistas reunidos, de várias tendências, discutiram sugestão de Rossini Tavares de Lima que, combatendo os que procuravam explicar o Folclore apenas através do facto espiritual, tradicional e anónimo, considerava-o a

ciência que estuda os factos da cultura material e espiritual, criados ou adaptados pelos meios populares dos países civilizados, que, podendo ou não apresentar as características anónimo e tradicional, são essencialmente de aceitação colectiva.

No mesmo conclave, este folclorista, juntamente com o sociólogo Oracy Nogueira, funcionando como relatores da Comissão Paulista de Folclore, órgão estadual da Comissão Nacional de Folclore do Instituto Brasileiro de Educa-

ção, Ciência e Cultura (IBECC), da UNESCO, apresentaram comunicação propondo a discussão do conceito de facto folclórico.

Concluíam os dois autores a mencionada comunicação, dizendo :

os factos folclóricos são as maneiras de pensar, sentir e agir de um povo, preservadas pela tradição oral e pela imitação e menos influenciadas pelos círculos e instituições, que se dedicam à renovação e conservação do património científico e artístico humano, como os intelectuais, e à fixação de uma orientação religiosa e filosófica, como as igrejas e as instituições sectárias, em geral. Tais maneiras de pensar, sentir e agir se caracterizam pela relativa uniformidade da forma ou estrutura, repetindo-se de um modo estereotipado, embora, em alguns casos, os indivíduos cheguem a se distinguir pela habilidade em combinar e recombinar os elementos que servem de conteúdo a certa manifestação folclórica ou pela capacidade criadora, que revelam ao se expressar, através de cânones prescritos.

Submetida a discussão, a comunicação sofreu algumas modificações acarretadas pelos debates e por sugestões formuladas por Luís da Câmara Cascudo.

Reformulado superficialmente, o conceito passou a integrar a Carta do Folclore Brasileiro, votada e aprovada nesse Congresso, com a seguinte terminologia :

constituem o facto folclórico as maneiras de pensar, sentir e agir de um povo, preservadas pela tradição popular ou pela imitação, e que não sejam directamente influenciadas pelos círculos eruditos e instituições que se dedicam ou à renovação e conservação do património científico e artístico humano ou à fixação de uma orientação religiosa e filosófica. São também reconhecidas como idóneas as observações levadas a efeito sobre a realidade folclórica, sem o fundamento tradicional, bastando que sejam respeitadas as características de facto de aceitação colectiva, anónimo ou não, e essencialmente popular.

Não satisfeito com a interpretação de seu pensamento acerca da conceituação do facto folclórico, tal como a inserida na Carta do Folclore Brasileiro, Rossini Tavares de Lima volta logo depois, com a publicação da primeira edição do *ABC do Folclore* a reiterar: nós o definimos como

tudo o que resulta do pensamento, sentimento e da acção do povo, cujo habitat preferencial é constituído pelo meio popular, isto é, o espaço em que vivem os grupos sociais do campo e da cidade, menos influenciados pela ciência oficial, pela intelectualidade de um país civilizado. Admitimos que ele possa ser criado ou aceito e adaptado, recriado pela simples imitação, não possua o fundamento tradicional, no sentido de algo que herdámos de nossos antepassados, e prescinda do anonimato, além de poder subsistir na grande burguesia e entre os homens do mais alto nível de instrução e pensamento, pois na realidade não há muralhas que sejam obstáculo a que o folclore se difunda por todos os grupos sociais.

No interim, Oswaldo R. Cabral, secretário-geral da Comissão Catarinense de Folclore, igualmente da Comissão Nacional de Folclore, preparava a edição da sua obra *Cultura e Folclore*, aparecida em 1954, na qual definia o Folclore como sendo

um ramo da Antropologia que estuda todas as manifestações e aplicações colectivas da cultura vulgar, mantidas geralmente pela tradição, paralelamente às oriundas do saber erudito, entre grupos de cultura superior, quaisquer que sejam as modalidades sob as quais se apresentem.

Depois dessa definição, e decorrente dela, Oswaldo R. Cabral, após discorrer analiticamente sobre as diferentes teorias que condicionam os estudos de natureza cultural, existentes no mundo, propõe que seja considerado facto folclórico, todo

aquele que com o seu carácter funcional, exprime maneiras de agir e sentir dos grupos sociais e que, quando não é

tradicional, é pelos mesmos aceito de maneira duradoura, sendo na maioria das vezes anónimo e, em geral, transmitido oralmente.

E acrescenta:

De acordo com a definição que propomos (...) reputamos elementos imprescindíveis e essencialmente necessários à caracterização do facto folclórico:

*a função ;
a durabilidade ;
a aceitação colectiva.*

E admitimos como elementos frequentes, mas não obrigatórios, os que decorrem dos elementos essenciais :

*a tradição ;
a oralidade ;
o anonimato.*

Concluindo, esclarece esse Autor que

os elementos essenciais não lhe poderão faltar na caracterização e incidem sempre e simultaneamente no facto folclórico. Os elementos facultativos poderão faltar, em conjunto ou isoladamente, ainda que de um modo geral, na maioria das vezes, se encontrem presentes na determinação do carácter folclórico de um traço ou complexo cultural.

Nesse mesmo ano, 1954, reunia-se em São Paulo, como parte da programação cultural integrada nos festejos comemorativos do IV Centenário da Fundação da Cidade, o Congresso Internacional de Folclore, no qual, a 1.ª Comissão, presidida pelo professor Jorge Dias, de Portugal, secretariada pelos professores Joaquim Ribeiro e Guilherme dos Santos Neves, ambos do Brasil, aprovava, com base em comunicação apresentada pela Comissão Paulista de

Folclore, relatada pelos pesquisadores já citados, Rossini Tavares de Lima e Oracy Nogueira, secundados pela professora Lizette Toledo Ribeiro Nogueira, o seguinte conceito de facto folclórico:

Considera-se facto folclórico toda maneira de sentir, pensar e agir, que constitui uma expressão da experiência peculiar de vida de qualquer colectividade humana integrada numa sociedade civilizada.

O facto folclórico caracteriza-se pela sua espontaneidade e pelo seu poder de motivação sobre os componentes da respectiva colectividade. A espontaneidade indica que o facto folclórico é um modo de sentir, pensar e agir, que os membros da colectividade exprimem ou identificam como seu, sem que a isto sejam levados por influência directa de instituições estabelecidas. O facto folclórico, contudo, pode resultar tanto de invenção quanto de difusão. Por poder de motivação do facto folclórico se tem em vista que, sendo ele uma expressão da experiência peculiar de vida colectiva, é constantemente vivido e revivido pelos componentes desta, inspirando e orientando o seu comportamento.

Como expressão de experiência, o facto folclórico é sempre actual, isto é, encontra-se em constante reactualização. Portanto, sua concepção como sobrevivência, como anacronismo, ou vestígio de um passado mais ou menos remoto, reflecte o etnocentrismo ou outro preconceito do observador estranho à colectividade, que o leva a reputar como mortos ou em via de desaparecimento os modos de sentir, pensar e agir desta.

Como expressão da experiência de vida peculiar da colectividade, o facto folclórico se contrapõe à moda, como à arte, à ciência e às técnicas eruditas modernas, ainda que estas lhe possam dar origem.

Dois anos mais tarde, Renato Almeida, Secretário-Geral da Comissão Nacional de Folclore e actual director da Campanha de Defesa do Folclore, do Ministério da Educação e Cultura do Governo dos Estados Unidos do Brasil, vem contribuir para o assunto, na monumental obra *Inte-*

ligença do Folclore, definindo-o em termos mais moderados e conservadores:

é o conjunto das manifestações não institucionalizadas da vida espiritual e das formas de cultura material dela decorrentes ou a ela associadas nos povos primitivos e nas classes populares das sociedades civilizadas.

E novamente Rossini Tavares de Lima volta ao debate, apresentando, em 1958, na segunda edição do *ABC do Folclore*, a reelaboração de sua definição para o balizamento do Folclore, em termos mais rígidos e configuradores:

a ciência antropológica que é o estudo empírico-indutivo e sistemático da cultura, decorrente da experiência peculiar de vida de qualquer colectividade humana, integrada numa sociedade nacional civilizada, a qual se caracteriza pela espontaneidade e pelo poder de motivação,

acrescentando, mais recentemente, «ciência sócio-antropológica» e «sociedade civilizada ou histórica», respectivamente em lugar de «ciência antropológica» e «sociedade nacional civilizada».

Essas as tendências, com predomínio da corrente liderada por Rossini Tavares de Lima, e a que se alia Oswaldo R. Cabral, que vigoram actualmente entre os estudiosos brasileiros.

Vejamos agora, a orientação dos especialistas de

PORUTGAL

país onde, desde Leite de Vasconcelos, como bem o nota o já citado cientista Jorge Dias, a Etnografia é

o estudo descriptivo de uma determinada cultura ou área cultural, independentemente de se tratar de povos europeus ou exóticos.

Todavia, essa simples conceituação exige uma expli-
cação mais detalhada, que nos é dada pelo ilustre antro-
pólogo ao tratar do tema *O que se entende por antropologia
cultural*. Diz ele, referindo-se ao actual panorama portu-
guês, após esclarecer que «a designação *etnologia* é ainda
hoje muito empregada na Europa, quer em sentido restrito
de ciência das populações primitivas, quer em sentido lato,
como ciência geral do homem, sob o aspecto cultural»:

*Em Portugal é já relativamente antiga a tradição de
usar etnologia em sentido lato, ao contrário do que se
verifica em países considerados progressivos. Leite de
Vasconcelos foi um dos primeiros a formularem um
conceito lato de etnologia que abrangesse o estudo dos
chamados povos primitivos e o dos povos das nações
históricas, vulgarmente chamados civilizados.*

Pode parecer estranho que a citação se refira agora à
palavra Etnologia. Porém, a continuação justificará o pro-
cedimento, indispensável ao esclarecimento do assunto,
encontrado nas próprias palavras de Jorge Dias:

*A etnografia, pode dizer-se, está intimamente ligada à
etnologia; é uma espécie de primeira fase no processo
do pensamento científico. A etnografia observa, analisa
e descreve uma determinada cultura e a etnologia sistematiza,
compara, generaliza e interpreta em termos gerais.
Não há ciência propriamente dita quando se não ultrapassa
a fase descriptiva; a etnografia vai sempre inserir-se na
etnologia. Por sua vez, não há etnologia sem etnografia,
pois as generalizações só são válidas quando assentam
em abundantes dados colhidos e descritos com todo o
rigor objectivo.*

*Quanto ao folclore, devemos considerá-lo um ramo da
etnografia, e não como uma disciplina independente
que estuda as populações históricas. O folclore é o ramo
da etnografia que visa em especial a recolha e descrição
das tradições orais ou, melhor, da literatura oral de qual-
quer povo. Hoje é também muito frequente abranger sob
a designação de folclore a música e a dança.*

E, mais adiante:

Em contraposição ao folclore temos a ergologia, ou o estudo da cultura material. Hoje, essas duas divisões principais, que bastaram a Leite de Vasconcelos, tornaram-se insuficientes, pois a cultura material deve encarar-se também funcionalmente, sob a designação de tecnologia. É igualmente importante o estudo da estrutura social e da psicologia colectiva, que teríamos de designar por etnossociologia e etnopsicologia (...).

Um ano antes, em 1955, em outro trabalho, intitulado *Etnologia, Etnografia, «Volkskunde» e Folclore*, tese apresentada ao Congresso Internacional de Folclore de Arnhem, na Holanda, Jorge Dias distribui as definições existentes no mundo, que procuram configurar o campo do folclore, em quatro critérios diferentes:

«o critério culturológico (...) usado por algumas escolas folclóricas que só consideram objecto do folclore as tradições orais, sobretudo a chamada literatura popular»;

«o critério sociológico (...) que considera como objecto de estudo tudo o que constitui a vida e a cultura das classes populares das nações históricas»;

«o critério psicossociológico (que) apresenta indiscutível superioridade sobre o anterior, sobretudo pela ênfase que dá ao elemento psicológico na definição das palavras povo e popular. Povo deixou de ser encarado como classe social, para se tornar uma forma de comportamento, que todos mais ou menos compartilhamos»; e

«o critério etnológico (que) é adoptado por aqueles que, banindo qualquer conceito etnocentrista, procuram estudar o homem como ser cultural, em qualquer parte do mundo em que ele viva, e seja qual for o tipo de economia e cultura em que se encontre, relacionando o presente com o passado.

«Aos investigadores desta escola interessa tudo aquilo que se transmite socialmente, de pais a filhos, de vizinho

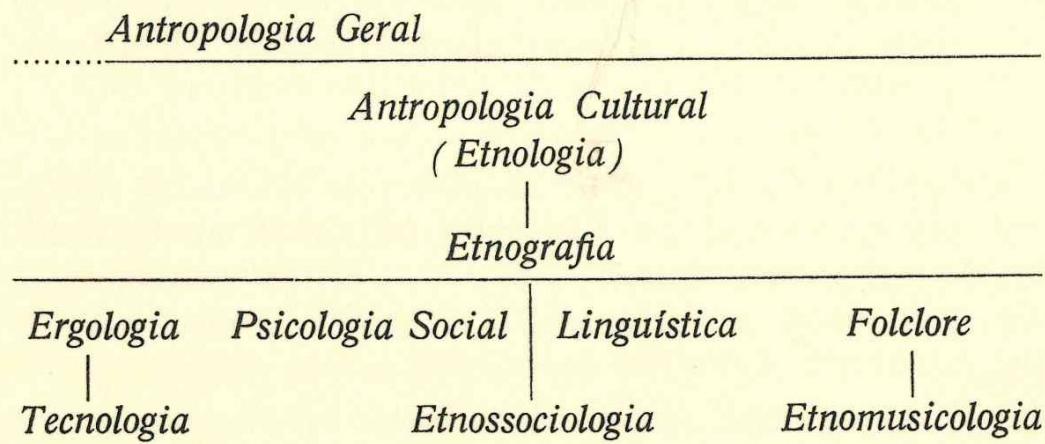
a vizinho, com exclusão do saber adquirido racionalmente, quer seja obtido pelo próprio esforço individual, quer seja a consequência do saber organizado e codificado, que se adquire em estabelecimentos oficiais (escolas, institutos, conservatórios, academias, universidades, etc.).

Esclarece finalmente, que

Folclore está, regra geral, associado ao critério culturológico e úlitimamente também ao sociológico, ou aos dois combinados, e em certos casos, ao critério psicosociológico.

Contudo, o alargamento do conceito é relativamente recente e a maior parte das pessoas associam sempre à palavra folclore a ideia de contos, provérbios, adivinhas, música, dança e pouco mais.

Sintetizado, o pensamento de Jorge Dias pode melhor ser exemplificado com a representação gráfica, de sua própria autoria, que retratamos nas subdivisões da Antropologia Cultural:



Outro antropólogo português que tratou do assunto é o professor J. R. dos Santos Júnior, catedrático da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, director do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia», da citada Faculdade, e incentivador da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

Considerou esse Autor, em trabalho publicado em 1955 sob o título *Conceito ecológico da Etnografia*:

é a ciência que estuda as condições de vida dos povos, origem das mesmas e sua evolução cultural. E, particularizando: condições de vida consideradas em relação com as influências do meio, factores biogeográficos, com o encadeamento da sucessão evolutiva expresso na tradição, factores históricos, e com as acções recíprocas, por influências directas ou indirectas, dos homens uns sobre os outros, factores antropossociais, quer dentro do mesmo agregado populacional, factores por via de regra condicionando uma evolução lenta a que poderíamos chamar de sublimação ou de apuro, quer entre povos diferentes, tendo laços mais ou menos estreitos de convívio permanente ou acidental, factores determinando quase sempre mutações, ou seja, modificações inesperadas, amplas e bruscas. O somatório destes três factores geográficos, históricos e antropossociais, constitui um quadro de elementos ecológicos a que ninguém, certamente, negará importância modeladora fundamental na estruturação das condições de vida do homem, factores que são, indubitavelmente, condicionantes dos usos e costumes, da mentalidade, do modo de vida e das manifestações culturais dos diferentes povos.

Reafirma Santos Júnior os princípios da «escola antropológica do Porto», no Congresso Internacional de Etnografia, reunido em Santo Tirso, em Julho de 1963, em tese sobre *A Etnografia no quadro geral das Ciências Antropológicas*.

Comenta nessa oportunidade o destacado pesquisador:

Etimologicamente, Etnografia (do grego Ethnos, povo, mais graphein, descrição, estudo descritivo), é pois a ciência que estuda o povo.

Estuda-o nos seus usos e costumes.

E etnografia é vasta. (...)

Segundo alguns autores, a Etnografia tem um capítulo que abrange o estudo do sedimento original popular dos

povos cultos e se chama folclore, embora este vocáculo tenha também correntemente um sentido mais lato.

No sentido restrito a que nos referimos este capítulo da Etnografia tem como finalidade o estudo de tudo o que é verdadeiramente tradicional, quer no que respeita às habitações, ao vestuário e ornatos, quer aos instrumentos agrícolas e outros instrumentos de trabalho, festas, direito consuetudinário, arte popular, lendas e superstições, ensalmos, esconjuros, pragas, etc., etc.

No estudo destes temas de fundo arcaico faz-se história, mas vai-se, ou deve-se ir, mais além do registo seco do facto folclórico em si. O facto folclórico e dum modo geral qualquer manifestação etnográfica, deve estudar-se e apreciar-se como manifestação de vida, com seu determinismo, seus condicionalismos, sua evolução e seu paralelismo, mais ou menos estreito, com factos similares de outros povos, de outras gentes.

E, continuando:

A Etnografia tem, quanto a nós, um tríplice campo de estudos: no Homem animal, no Homem social e no Homem espiritual.

No conjunto das manifestações do Homem animal podemos referir as suas necessidades imperiosas de comer e beber (preparar a seu modo o que come e bebe) de se defender da agressividade do meio e das agruras dos elementos meteorológicos (veste-se e constrói abrigos), e de propagar a espécie (conjugação dos sexos, família). O Homem social, em atitude inteligente, congrega-se em grupos de diferentes categorias ou natureza, organiza a divisão de trabalho e a repartição de tarefas, cria grupos estabelecidos em princípios normativos de convivência harmónica (preceitos morais e jurídicos, direitos e obrigações). O Homem espiritual com a noção do bem e do mal, do justo e do injusto, com preocupações de ordem superior, vive na angustiante certeza da morte. Isso o leva ao transcendente problema do post-mortem e às doutrinas de ordem superior, Filosofia, Moral, Religião.

E finalizando:

À Etnografia compete o estudo das condições de vida do homem, nas três facetas que acabamos de referir.

Por último, Ernesto Veiga de Oliveira, em conferência pronunciada na Câmara Municipal de Barcelos em 1965, quando da sessão solene de distribuição dos prémios «Gomes Pereira», alia-se à corrente representada por Jorge Dias, ao afirmar:

A Ciência da cultura é só uma — a Etnologia ou Antropologia Cultural,

analizando o seu campo de acção, no qual enquadra a Etnografia.

Sintetizando a matéria, diz Veiga de Oliveira:

Como ciência de princípios gerais (a etnologia), ela trabalha sobre estudos descritivos das culturas individualizadas em sectores regionais homogéneos, ou dos segmentos dessas culturas em séries monográficas: esses estudos competem à Etnografia, que é assim a parte descritiva da Etnologia, e que só tem carácter científico quando metodologicamente enquadrada no sistema geral da Etnologia, e em vista aos objectos desta, e a que por isso se dá também o nome de Etnologia Regional.

A Etnografia por seu turno pode dividir-se em tantos capítulos ou especializações quantos os aspectos culturais que convenha individualizar: 1) o Folclore (ou Volkskunde) se se trata de elementos da chamada «cultura espiritual» (mais ou menos no sentido originário da palavra, mas sem quaisquer restrições étnicas) e com ele a Dialectologia, a Etnomusicologia, abrangendo o estudo da música, organologia e dança; 2) a Ergologia e Tecnologia, se se trata, pelo contrário, de elementos da cultura material, actividades económicas, a agricultura, a pesca, o pastoreio, indústrias caseiras e artesanais, transportes, alfaias e técnicas, habitação e mobiliário; 3) Etnossociologia e Etnopsicologia — versando organização e estru-

turas sociais, tipos e relações familiares, comportamentos psicológicos, etc.; 4) Artes plásticas, de carácter popular ou tradicional.

Estas são as tendências que são seguidas no Portugal actual para a conceituação da Etnografia e do Folclore.

* * *

Vistos os panoramas que vigoram nos dois países irmãos em língua, usos e costumes, no que diz respeito às conceituações de Folclore e Etnografia, designações que implicam universos de discurso diferentes quando consideradas em sentido comparativo Brasil-Portugal, podemos resumir as duas tendências:

No Brasil, o Folclore é considerado como sendo um ramo da Antropologia Cultural, ou como querem os portugueses, Etnologia, abrangendo tanto os factos da cultura espiritual quanto os da cultura material, que apresentem como características essenciais a função, a durabilidade e a aceitação colectiva, e como características facultativas a tradição, a oralidade e o anonimato. Tendem as conceituações a uma posição central independente, tanto relacionada com a Antropologia Cultural como com a própria Sociologia e mesmo a Psicologia e a Economia.

Porém, quando se trata do estudo das culturas indígenas registadas na terra de Santa Cruz, é válido o uso dos termos Etnologia, para os estudos interpretativos, e Etnografia, para os trabalhos descritivos, estes por sua vez subdivididos em Folclore, quando abrangem factos da cultura espiritual, e Ergologia, quando abordam os sectores da cultura material. As danças e a música, por sua vez, recaem, nesta configuração, no âmbito do Folclore.

Em Portugal, esta é também, em parte, a acepção corrente: a Etnografia como directamente ligada a Etnologia, ou como dizem os brasileiros, a Antropologia Cultural, apresentando como subdivisões a Ergologia, para os tra-

balhos de cultura material, e Folclore, para os de cultura espiritual. Na mesma sequência, a Ergologia engloba a Tecnologia, enquanto o Folclore abrange a Etnomusicologia.

Ainda no parecer português, integram os limites da Etnografia a Etnopsicologia, ou Psicologia Social, e a Etnosociologia, especialidades enquadradas pelos brasileiros, a primeira no campo da própria Psicologia, considerada como ciência autónoma, e a segunda, no da Antropologia Cultural, mas fora dos interesses do Folclore, aparecendo alternativamente, segundo as preferências de cada especialista, na Antropologia Social ou como sector particularizado da ciência geral das obras do Homem.

Por último, outra consideração, de carácter fundamental, comum às duas escolas, deve ser apontada: tanto no Brasil quanto em Portugal, a tendência predominante na caracterização do facto folclórico é a de considerar os elementos tradição, oralidade e anonimato, como características facultativas, exigindo-se, em compensação, qualquer que seja a posição em que se coloque o estudioso, como indispensáveis a função, a durabilidade e a aceitação colectiva.

Feitos estes comentários, convém lembrar, ao concluir, que actualmente a preocupação com a delimitação desta ou daquela Ciéncia Social, deste ou daquele ramo das Ciéncias Sociais, passou a ocupar lugar de segundo plano nas especulações teóricas, primordialmente preocupadas em conhecer o Homem, em todos os seus aspectos. E este conhecimento, ainda em sua fase inicial, extremamente superficial, exige a conjugação dos esforços de todos os estudiosos, sejam Antropólogos, Etnólogos, Etnógrafos, Folcloristas, Sociólogos, Psicólogos ou outros, independente de nacionalidade ou filiação a esta ou àquela escola ou corrente de pensamento.

BIBLIOGRAFIA CITADA

Carta do Folclore Brasileiro, in Anais do 1.º Congresso Brasileiro de Folclore, I Volume, I. B. E. C. C., Ministério das Relações Exteriores, Serviço de Publicações, Rio de Janeiro, 1954.

Comissão Paulista de Folclore — *Características do Fato Folclórico*, comunicação apresentada ao Congresso Internacional de Folclore reunido em São Paulo, em Agosto de 1954.

— *O Conceito de Fato Folclórico*, in Anais do 1.º Congresso Brasileiro de Folclore, II Volume, I. B. E. C. C., Ministério das Relações Exteriores, Serviço de Publicações, Rio de Janeiro, 1951.

Ernesto Veiga de Oliveira — *Princípios Basilares das Ciências Etnológicas*, Cadernos de Etnografia 3, Museu Regional de Cerâmica, Barcelos, 1965.

J. R. dos Santos Júnior — *A Etnografia no quadro geral das Ciências Antropológicas*, in Actas do Congresso Internacional de Etnografia, Volume Primeiro, Santo Tirso, Julho de 1963.

— *Conceito Ecológico da Etnografia*, in Douro Litoral, n.º IX, 6.ª série, Porto, 1955.

Jorge Dias — *Etnologia, Etnografia, «Volkskunde» e Folclore**, in «Ensaios Etnológicos», Volume 52 de Estudos de Ciências Políticas e Sociais, Centro de Estudos Políticos e Sociais, Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 1961.

— *O que se entende por Antropologia Cultural* **, in «Ensaios Etnológicos», Volume 52 de Estudos de Ciências Políticas e Sociais, Centro de Estudos Políticos e Sociais, Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 1961.

Oswaldo R. Cabral — *Cultura e Folclore*, Edição da Comissão Catarinense de Folclore, Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 1954.

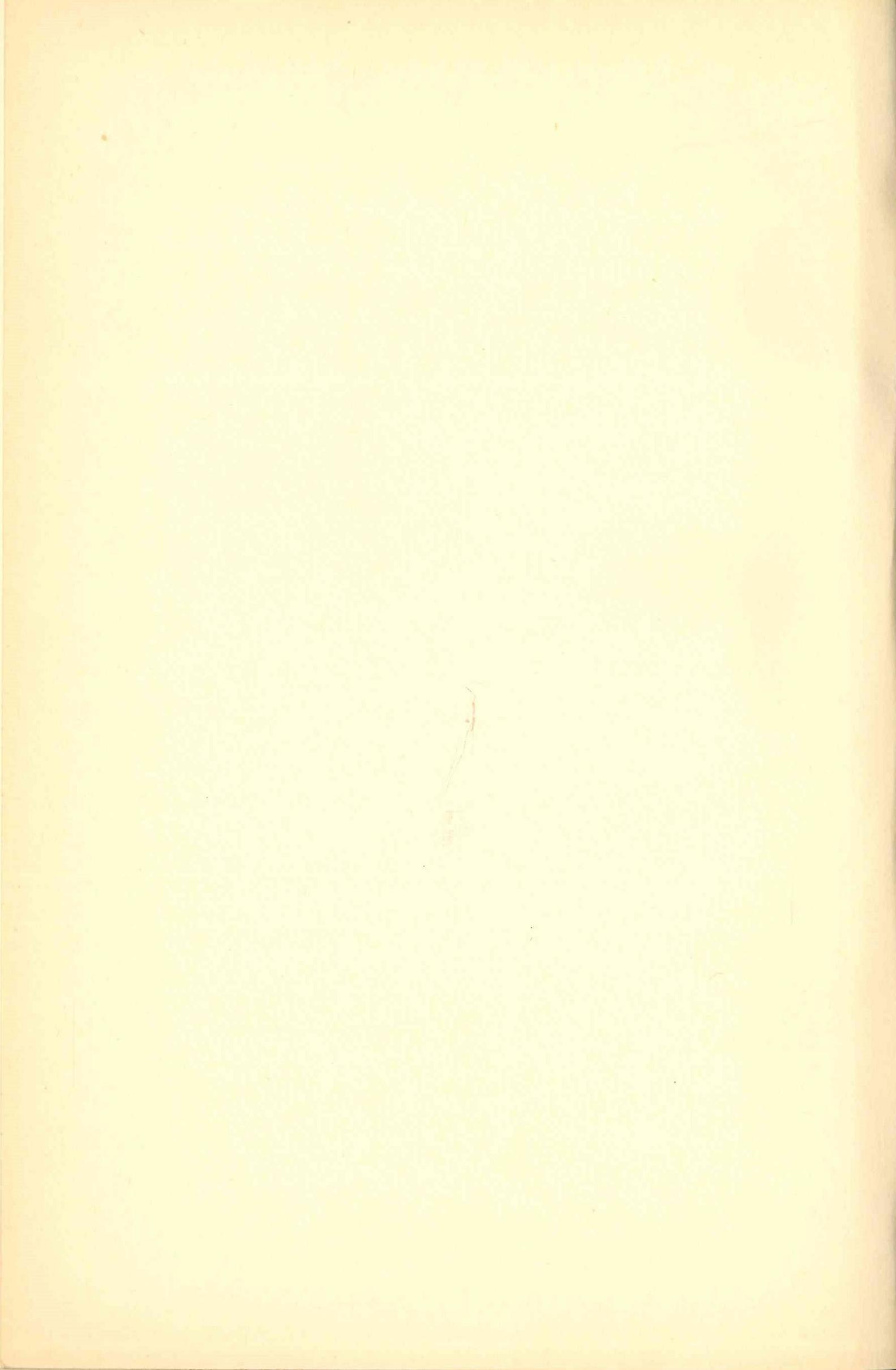
Renato Almeida — *Inteligência do Folclore*, Editora Livros de Portugal, Rio de Janeiro, 1957.

Rossini Tavares de Lima — *ABC de Folclore*, Edição do Conservatório Dramático Musical de São Paulo.

— *ABC de Folclore*, 2.ª edição actualizada e ampliada, Ricordi Brasileira — Editores, São Paulo, 1958.

* Tese apresentada ao Congresso Internacional de Folclore de Arnhem, Holanda, em 1955.

** Lição de Introdução ao curso de Antropologia Cultural do ano de 1956-57 no Instituto Superior de Estudos Ultramarinos, publicada na revista Estudos Ultramarinos, n.º 3, 1959.



CADERNOS DE ETNOGRAFIA

OS NÚMEROS ASSINALADOS COM UM ASTE-
RISCO DEVEM CONSIDERAR-SE ESGOTADOS

PRIMEIRA SÉRIE:

- 1 * Museu Nacional e Museus Regionais de Etnografia (1964), *pelo Prof. Doutor Jorge Dias*.
- 2 * Ritos de Passagem. Entre o Airó e o Cávado (1965), *por F. Lopes Gomes*.
- 3 * Princípios Basilares das Ciências Etnológicas (1965), *pelo Dr. Ernesto Veiga de Oliveira*.
- 4 * As Louças de Barcelos (1965), *por João Macedo Correia*.
- 5 * As Barcas de Passagem do Cávado, a Jusante de Prado (1966), *por Adélio Marinho de Macedo e José António Figueiredo*.
- 6 Curiosas Informações Sobre Usos e Costumes nas Margens do Cávado, em 1850 (1966). *Selecção de Clotilde Cunha Leitão*.
- 7 As Olarias de Prado (1966), *por Rocha Peixoto*.
- 8 Catálogo da Colecção de Lenços Marcados (1966), *por Maria de Fátima da Silva Ferreira*.

SEGUNDA SÉRIE:

- 1 «OvaTjimba» em Angola (1967), *pelo Dr. Carlos Lopes Cardoso*.
- 2 Técnicas de Fiação Primitiva. As Rocas Portuguesas (1967), *por Benjamim Enes Pereira*.
- 3 Estudo de Anforetas Encontradas nas Costas Atlânticas e Mediterrânicas de Portugal, Espanha e França (1968), *pelo Dr. Eduíno Borges Garcia*.
- 4 As Olarias de Beringel (no prelo), *por Adélio Marinho de Macedo*.
- 5 Os Conceitos de Folclore e Etnografia em Portugal e no Brasil (1968), *pelo Prof. Dr. Alfredo João Rabaçal*.
- 6 Reflexões de um Antropólogo (no prelo), *pelo Prof. Doutor Jorge Dias*.

biblioteca
municipal
barcelos



9412

DISTRIBUÍDOS PELA LIVRARIA PORT

♦ RUA DO CARMO, 70 ♦ LISBO

Os conceitos de folclore e
etnografia em Portugal e no